

Entrevista

AMARAL (GUARDA REDES DO MARÍTIMO):

NINGUÉM VENCE DE BRAÇOS CAÍDOS OU... IMPOSSIBILITADO POR TERCEIROS

«Mesmo sujeito a pressões psíquicas e exigências de toda a ordem para o alcançar da vitória, em que todo o jogador profissional assume a real posição de defesa dum clube e consequente orgulho de milhares de sócios, agrada-me a profissão a ponto de considerá-la indispensável ao meu modo de vida.» Pensa assim e vive o jovem guarda-redes Amaral, um futebolista em foco na equipa do Marítimo.

Iniciou-se no grupo Desportivo Dramático de Cascais, sendo natural de Alcântara, mas ainda como juvenil transitou para o Benfica.

No Benfica tudo é máximo — tudo é obstáculo. Um Júnior quando prometedor a sénior praticamente apodera-se do passaporte transferência se quiser continuar a jogar futebol. Cheguei a ser suplente do Bento, na equipa principal, mas chegar a titular era tremendamente difícil. Tanto mais que ainda havia o José Henriques e o Alvaro.

A vida «caseira» no Funchal é mais económica do que em Lisboa. Os géneros alimentícios são mais baratos, consegue-se confeccionar boas refeições a preços reduzidos. O maior problema reside nos apartamentos, há especulação em condições exageradíssimas.

Para a primeira época do Marítimo na I divisão, acaba o clube madeirense de adquirir vários reforços, entre eles o guarda-redes Quim. Um «obstáculo» para Amaral que foi titular durante toda a época.

Amaral e Quim

Conheço muito pouco o Quim, apenas aquilo que te-

nho lido nos jornais, e pelo que sei trata-se dum bom guarda-redes que o Marítimo foi buscar. A equipa necessitava de mais um guarda-redes à altura e acho que o clube agiu bem.

O Quim não será para mim um estorvo mas antes um companheiro de trabalho disposto como eu em ocupar o lugar na baliza do Marítimo.

Apesar de já ter sido campeão nacional, quando em juvenis pelo Benfica, esta, é a 1.ª vez que Amaral obtém o título máximo de campeão da II divisão.

Nunca me ocorrerá a ideia ou mesmo «sonho» de um dia

(Continua na 6.ª pág.)



Com a camisola do Benfica

Apesar das «grandezas» benfiquistas, em que somente os «craques» de renome têm lugar, Amaral que no passado dia 20 completou 22 anos de idade, chegou a ser titular numa digressão à América.

Não foi «morta» a minha permanência como sérior no Benfica. Cheguei a efectivo em jogos particulares, inclusivamente numa digressão aos E.U.A. numa equipa em que jogava o Rui Rodrigues, Barros, Bastos Lopes, Sheu, Pedroto, etc. Mas fixar-me na 1.ª era objectivo muito difícil.

Como poderia o «rapagão» (79 kgs, peso médio, 1,86 de altura) ambicionar o lugar oem defendido por uma dupla oem famosa: José Henriques e Bento. De qualquer modo Amaral, ainda muito novo, não põe de parte os tais lugares difíceis de atingir.

em serviços de auxílio aos retornados das ex-colónias e, ainda frequentava um curso prático de desenhador de Construção Civil no «DESFO-ME» — Engenharia Militar.

Era uma «tripla» actividade que me agradava. Possui o 7.º ano dos liceus e ambicionei tirar o curso de desenhador de Construção Civil.

Um aproveitar preciosamente o tempo livre que a sua actual profissão lhe concede.

Apesar de no Funchal não existir qualquer estabelecimento de ensino onde se possa tirar curso superior, o guarda-redes Amaral encontra-se a tirar um curso de desenho por correspondência. «Querer é poder».

Entre sua jovem esposa e um robusto bebé, sem alcoolismos e tabacos, passa Amaral a maior parte do seu tempo.

Nunca fui dado à boémia ou me deixei seduzir pela vida fácil da luxúria e atractivos fúteis. Desde muito novo que enamorei-me do desporto, talvez porque meu pai (Caetano Amaral) me transmitia esse micróbio, pois fui praticante de basquetebol e voleibol e indivíduo muito envolvido no meio sócio-desportivo de Cascais.

Chegou ao Marítimo quase como um desconhecido. Vinha do Sintrense, um clube de poucas aspirações. Ninguém conhecia o seu «currículo», muitos comentários, depois a confirmação dum excelente guardião e a crescente e total amizade surge.

Quando cheguei à Madeira cedo me apercebi que não era muito receptivo, as pessoas olhavam-me um tanto interrogadas, era um desconhecido para o Marítimo que queria e acabou por atingir a I divisão. Contudo, passados os primeiros jogos já era visto sobre uma óptica familiarizante e hoje em dia posso e devo me considerar um «madeirense» entre os madeirenses.

Na Madeira, qualquer profissional de futebol quando exprime uma conduta consistente da sua actividade é profundamente apoiado por todas aquelas pessoas que gostam do desporto. Em cada espectador temos um amigo, pessoa predisposta a nos ajudar na própria vida quotidiana, extra futebol.

Mal a época terminara, renovou contrato por mais uma época, a solicitude do clube.

O novo contrato que fiz com o Marítimo, por mais uma época, dá para a minha independência familiar. Não foi um contrato fabuloso mas que me satisfaz.

Infeliz no Atlético

Transitando para o Atlético, o promissor Amaral veio a ser atingido pela fase dura dos futebolistas: as lesões.

É verdade, quando fui para o Atlético levava comigo a esperança de me realizar como guarda-redes e ainda realizar tudo aquilo que não me fora possível no Benfica.

Infelizmente, conheci no Atlético o período mais «escuro» da minha carreira. Comecei a treinar em boas condições físicas, sob as ordens de «mister» Fernando Vaz, mas vim a sofrer fractura num pé que me obrigou a cinco meses sem tocar numa bola...

Depois várias questões surgiram, no «comando» da equipa novo técnico e lá se foi a oportunidade Atlético. No ano seguinte fui para o Sintrense e no início desta época ingressei no Marítimo.

O transitar dum clube da I divisão para um da II não terá afectado as suas aspirações, tanto mais que o Amaral ainda é bastante novo.

Não. O facto de ingressar no Sintrense não considerei despromoção. Na altura, até tive a possibilidade de ir para o Estoril. Acontece que ao jogar no Sintrense é como se estivesse em casa, vivia junto dos meus familiares e amigos. O que queria era jogar futebol, estar em actividade, pois só assim é possível singrar em qualquer profissão. Antes prefiro ser titular numa equipa modesta do que «esquecido» numa equipa recheada de vedetas. Ninguém evolui de braços caídos ou eternamente impedido de demonstrar as suas faculdades.

Uma reconhecida consciência do que é o estar no mundo. Produzir indiferentemente ao local e ao sítio desde que esse produzir revista em benefício duma sociedade sempre mais justa.

Enquanto no Sintrense não estava abrangido pelo profissionalismo no Marítimo tenho como única função a actividade futebolística. Quando em Lisboa, durante cerca de seis meses, trabalhei na Cruz Vermelha Portuguesa